

O acesso à informação em um Centro de Documentação jornalístico: cotidiano e práticas

Elizângela Carrijo

Mestranda em História na Universidade de Brasília.

Coordenadora do Núcleo de Texto, do Centro de Documentação, do jornal Correio Braziliense.

E-mail: e.carrijo@correioweb.com.br

Sandra Nui Asano

Mestre em História pela Universidade de Brasília.

Pesquisadora do Núcleo de Texto, do Centro de Documentação, do jornal Correio Braziliense.

E-mail: sandrana@unb.br

Resumo

O presente artigo mostra o cotidiano do Núcleo de Texto do Centro de Documentação do jornal Correio Braziliense e, também, analisa como o mesmo facilita o acesso à informação a seus/suas usuários/as. Para tanto, damos visibilidade à dupla participação do Núcleo de Texto na construção e na disseminação da notícia do jornal: uma, a de auxiliar os/as repórteres, no sentido de viabilizar dados e informações rápidos e precisos sobre quaisquer assuntos que lhes interessem como pauta de notícia; outra, a de disponibilizar informações/notícias produzidas pelo jornal à sociedade como um todo. Assim, acompanhamos a trajetória da informação, desde que é solicitada até o momento em que é entregue ao usuário. Problematizamos algumas questões como, por exemplo, os limites conjunturais que dificultam a ampliação do acesso à informação, como espaço físico inadequado e acervo hemerográfico parcialmente digitalizado. Refletimos sobre a importância do papel do setor na produção de notícias jornalísticas e na sua busca contínua por aprimorar o atendimento aos seus usuários.

Palavras-chave

Jornal Correio Braziliense; Centro de Documentação; Núcleo de Texto; Informação; Acesso.

Apresentação

Maria precisava encontrar um novo emprego e alugar um apartamento mais barato... As coisas andavam difíceis: pouco dinheiro e muitas dívidas para pagar. Passou por uma banca e a vista de um jornal chamou-lhe a atenção. Afinal, nunca havia comprado jornais... Mas, como a situação exigia, comprou um exemplar do **Correio Braziliense**. Ao abri-lo, deparou-se com alguns assuntos interessantes, antes de chegar nos classificados, a parte que desejava encontrar. Leu sobre política, economia, cidade, esportes e cultura. Viu que a situação não estava fácil apenas para ela, mas para muita gente. Maria, naquele momento, passou a fazer parte dos “780 mil leitores no Distrito Federal”¹ que lêem o Correio diariamente.

Durante a leitura, Maria percebeu que uma das reportagens que lhe mais interessavam era a terceira de uma série. E a inquietou saber como seriam as outras... Pensou: “como faço para ler as reportagens passadas?”. Ao final da leitura, outra dúvida: “O jornalista sabe tudo isso ou precisou pesquisar o assunto para produzir esse texto?”

¹ Estudos Marplan, 2003, nº XLV, apud *Correio Braziliense*, 15 de novembro de 2003, p. 32-33.

Maria não sabia, mas suas duas perguntas encontram as devidas respostas em um mesmo lugar: no **Núcleo de Texto, do Centro de Documentação/CEDOC, do jornal Correio Braziliense**. Lugar, esse, cujos contatos – endereços eletrônicos e telefones - encontram-se no jornal diariamente, no expediente, ao final da página de ‘Opinião’. Um lugar que muitas pessoas, como Dona Maria, personagem fictícia criada para introduzir este texto, desconhecem. E, de forma a tentar responder as dúvidas da nossa personagem, nos propomos a apresentar e analisar melhor o Núcleo de Texto. Centralizaremos nosso olhar sobre ele sob a perspectiva do acesso à informação. Um ângulo, portanto, que constitui a coluna vertebral do setor, no sentido de disponibilizar esse acesso.

Sobre a relevância do acesso, lembramos as palavras de José Maria Jardim, renomado estudioso das Ciências da Informação. Para ele, “onde a informação se encontra não é o mais importante e sim o acesso a ela” (JARDIM, 1999, p.2). Compartilhamos dessa mesma preocupação por acreditarmos que

A liberdade, a prosperidade e o desenvolvimento da sociedade e dos indivíduos são valores humanos fundamentais. Só serão atingidos quando os cidadãos estiverem na posse da informação que lhes permita exercer os seus direitos democráticos e ter um papel activo na sociedade. A participação construtiva e o desenvolvimento da democracia dependem tanto de uma educação satisfatória, como de um acesso livre e sem limites ao conhecimento, ao pensamento, à cultura e à informação.
(Manifesto da UNESCO sobre Bibliotecas Públicas, 1994, <http://www.ifla.org/VII/s8/unesco/port.htm>).

O Núcleo de Texto realiza, de certa forma, esse papel ativamente. Não no sentido de ‘acesso livre e sem limites’, que deve ser o eixo norteador das bibliotecas públicas, como defendido no manifesto acima. Mas nos limites e contexto de uma empresa privada, onde a informação é um produto de valor econômico, ainda que façam parte da missão da mesma colaborar para a prosperidade social e propor caminhos de acesso dentro de sua realidade. Nisso, o Núcleo de Texto é atuante, visto tratar-se de apoio editorial, que fornece as fontes impressas que subsidiam as matérias publicadas. Assim como também é o local responsável por manter, tratar e disseminar as informações publicadas diariamente.

Isso significa que são duas as facetas da participação do Núcleo de Texto na construção e na disseminação da notícia do jornal: uma, a de auxiliar os/ as repórteres, no sentido de viabilizar informações rápidas e precisas sobre quaisquer assuntos que lhes interessem como pauta de notícia; outra, a de disponibilizar informações/ notícias produzidas para todos/as os/as leitores/as. Ambas são faces de uma mesma moeda, cujo valor é o acesso à informação. Um valor que circula

diariamente pelo nosso setor e que merece ser divulgada. Assim, nos propomos a demonstrar e analisar a trajetória da informação dentro do universo jornalístico, tendo como ponto referencial o Núcleo de Texto. Para isso, necessitamos apresentá-lo com mais cuidado e, já adiantamos, o prazer é todo nosso...

Centro de Documentação jornalístico: as partes que dão vida à notícia

O jornal Correio Braziliense (CB), nascido em Brasília, no dia 21 de abril de 1960 - no mesmo dia da inauguração da capital brasileira -, é um dos onze jornais que fazem parte do grupo **Associados**².

Dentre os diversos setores que constituem o jornal Correio Braziliense, encontra-se o seu Centro de Documentação/CEDOC. Um lugar de memórias, tanto no âmbito institucional quanto no social, visto que nele se encontram desde a documentação produzida e recebida por todos os setores da empresa como, também, todas as reportagens e fotografias publicadas durante seus 44 anos de existência. Constitui-se uma unidade de informação³ subordinada à Diretoria de Redação (DIREDA), cujas atribuições, segundo Vânia Caldas, arquivista e gerente do setor, são: “apoiar a área editorial, fornecendo subsídios para a pesquisa e a produção da notícia; preservar a Memória Institucional, resgatando, organizando, preservando e divulgando o acervo arquivístico e; **interagir com a comunidade, ampliando a sua função social e possibilitando o acesso ao conteúdo do jornal**⁴”. Para tanto, sua estrutura organizacional encontra-se dividida em três áreas: Arquivo Central (AC), Núcleo de Fotografia (NF), Núcleo de Texto (NT), onde trabalham, atualmente, 29 profissionais com formação variada. As áreas que constituem o Centro de Documentação possuem funções diferenciadas, mas que se complementam no sentido de guardar, manter, preservar e disseminar as informações registradas e produzidas pelo jornal.

No Arquivo Central são preservados, tratados e disseminados os documentos acumulados pela empresa ao longo de sua existência. Esses documentos, em geral, são usados como provas judiciais, apoio ao planejamento e à administração da instituição e, também, apresentam a trajetória cultural e histórica da empresa.

²Grupo criado em 1924 pelo jornalista Assis Chateaubriand, composto por 39 empresas, as quais “estão distribuídas em oito estados brasileiros: são 11 Jornais, 12 emissoras de Rádio, 7 estações de Televisão além de provedores de acesso à Internet, produtoras de vídeo, dentre outras empresas” www.grupoaconline.net

³Unidade de Informação – instituições voltadas para a aquisição, processamento, armazenamento e disseminação de informações (IBICT, 1989 apud TARAPANOFF: 2000, p.92).

Já o Núcleo de Foto é o setor responsável pela guarda, análise, processamento, conservação e disseminação da informação em imagem. Em seu acervo são mantidas imagens fotográficas produzidas pelo jornal onde, hoje, encontram-se 195.000 envelopes de negativos; 7.020.000 fotogramas, 1.210.000 ampliações, 53.000 imagens digitais no CB-Nacionais e 363.000 no CB-Internacionais. Para localizar esses quase dez milhões de imagens, o setor conta com alguns sistemas de busca, tanto eletrônica⁵ quanto manual⁶.

Por fim, a função do Núcleo de Texto é coletar, analisar, processar, buscar, tratar e disseminar informações em texto. Para isso possui um acervo diversificado, dividido em: **a) Hemerográfico** [Coleção CB; Banco de Notícias Seleccionadas (BNS)⁷// Arquivo de Recortes⁸ & Assinatura de Jornal e Revistas – Periódico]; **b) Bibliográfico** [Livro] e **c) Multimeios** [Fita VHS, CD-ROM e Mapoteca]. Um acervo que, numericamente, chama a atenção. Afinal, são 2524 coleções impressas (jornais publicados desde 21/04/1960), 434 jornais CB em formato PDF (publicações desde 29/05/1999), 1196 microfilmes do jornal CB (desde o primeiro número); 300 pastas suspensas no BNS; assinatura de 15 títulos de jornais diferentes; 36 títulos diferentes de revistas encadernadas no acervo; 4247 livros; 51 fitas VHS, 145 CDs-ROM e 132 mapas. E como localizar todo esse material? Para isso, o núcleo dispõe de instrumentos de buscas eletrônicas⁹ e manuais¹⁰, utilizados por uma equipe atualmente composta por 12 pessoas¹¹.

Agora que contextualizamos todas as partes que compõem o Centro de Documentação e expusemos em dados numéricos sua relevância arquivística no universo do jornal, focalizaremos nosso olhar sobre a construção da relação entre o **Núcleo de Texto (NT)** e seus/suas usuários/as - internos e externos¹² - no acesso à informação. Desejamos, assim, apresentar e refletir sobre a trajetória da informação, desde que é solicitada pelo/a usuário/a até sua entrega para o/a mesmo/a. Para tanto, utilizaremos exemplos do cotidiano desse Núcleo, apresentando os caminhos

⁴ O grifo é nosso.

⁵ Os Softwares Folio Views e Image View são os mais usados atualmente.

⁶ Sistema de fichas de indexação, conhecido popularmente como 'fichário'.

⁷ *Banco de Notícias Seleccionadas* é um conjunto de textos com informações jornalísticas, atualmente, em papéis impressos. Composto por cinco armários de aço que armazenam as pastas suspensas. O conteúdo selecionado apresenta os assuntos abordados pela mídia. A variedade temática pode ser percebida no seu índice. A alimentação diária do banco está sob a responsabilidade do grupo de pesquisa (que realiza o **Clipping** – recorte e seleção de jornais diários). Os temas do BNS estão divididos em dois blocos: 'personalidades' e 'assuntos'.

⁸ O *Arquivo de Recortes* representa o armazenamento de recortes de jornais, relativos ao período de 1970 a 1990. Atualmente o acervo não é consultado, mas tem sido visitado com uma certa frequência pelos pesquisadores do NT devido a um projeto ainda embrionário que foca a organização dele.

⁹ Base de dados estão por meio dos softwares Folio Views, C-TEXT/ Library, Access (Base da Biblioteca) e Internet (Busca CB, CEDOCNET e IMAGE VIEW).

¹⁰ Sistema de ficha de indexação, conhecido popularmente como 'fichário'.

¹¹ Perfil da equipe: 5 História, 3 Ensino Médio, 2 Biblioteconomia, 1 Administração e 1 Jornalismo. Dentre eles/as, 2 são estagiários.

¹² Existem dois tipos de públicos que o NT atende atualmente: o interno e o externo. O primeiro está relacionado aos funcionários do jornal, em especial a redação. O segundo é constituído pelo público em geral.

percorridos pela informação, a importância desse serviço e a efetivação do acesso. Afinal, é do cotidiano que podemos vislumbrar o teor das nossas práticas e das leituras/ palavras que nos circulam (CERTEAU, 1994).

Núcleo de Texto: um cotidiano a serviço da informação

O computador emite um som: “*Tchidon-Tchidon!*”. Significa que chegou uma mensagem eletrônica da redação. Um/a profissional lê o conteúdo: “Vocês poderiam pesquisar a respeito de...?”. “*Tchidon-Tchidon!*”. Mais uma: “Gente, socorro, preciso dessa informação para ontem!”. “*Tchidon-Tchidon!*” Outra: “Vou buscar meu material em 15 minutos. Preciso concluir a matéria. Obrigado!”. O telefone toca: “*Trimmmm!*”: “Por favor, como eu faço para acessar a reportagem do Correio Braziliense do dia....?” “*Trimmmm!*” De novo. “Para acessar a reportagem do jornal eu tenho que pagar? Eu não sabia que informação tinha preço!”. A porta se abre e mais um pedido: “Aqui no acervo tem o livro tal?”. Chega outra pessoa: “Tira uma cópia dessa página para mim!”.

É assim. Dia e noite, todos os dias do ano, as informações entram, saem e se transformam no Núcleo de Texto. São cerca de 400 pesquisas realizadas mensalmente pelo setor. A comunidade externa é atendida nos dias úteis¹³, enquanto os funcionários da empresa, em especial os/as jornalistas, são atendidos até mesmo nos finais de semana e feriados. Dentre os dois tipos de público atendidos diariamente, ressaltamos que a redação é a prioridade. Entretanto, se cada público exige um procedimento de atendimento diferenciado, mantemos um traço comum: as informações solicitadas ao Núcleo são encontradas em tempo hábil e com rigores de qualidade.

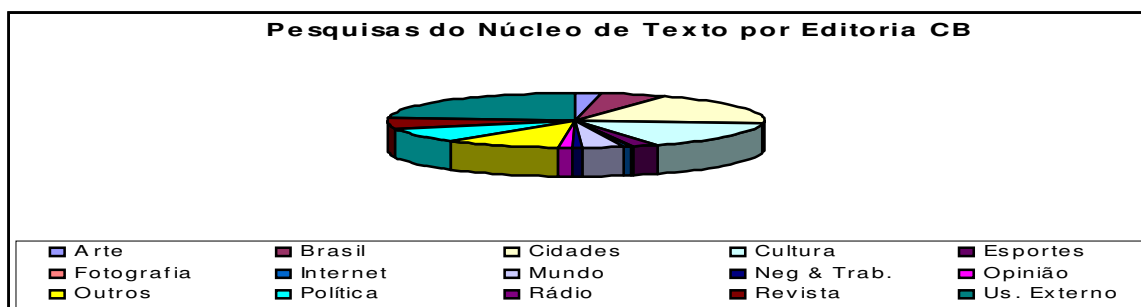
Os usuários internos podem solicitar suas consultas pessoalmente, por telefone/ fax, por mensagens enviadas pela rede Novell (esta é a mais freqüente), por Outlook (rede interna, Windows) ou por Internet. As consultas internas são atendidas conforme a ordem de solicitação, exceto quando o usuário não dispõe de muito tempo para a espera devido ao horário de fechamento das seções do jornal.

O atendente tem, para auxiliá-lo na busca, os seguintes sistemas de busca: fichário (sistema de fichas), base de dados (Folio; Matéria e Novas Matérias; Library; BUSCA CB; CEDOCNET e Access: Biblioteca), material do acervo (coleção CB, jornais, BNS, livros, revistas, fita vhs, CD-ROM e mapoteca), Internet ou até mesmo

em acervos externos (ir até outro núcleo de informação para consulta e/ ou comprar a informação). A utilização de um ou mais desses caminhos dependerá, portanto, da solicitação feita. Ao final da pesquisa, o/a atendente informa ao/à usuário/a, por telefone ou por meio de uma mensagem enviada pela rede Novel.

Já os usuários externos podem solicitar consultas e informações pessoalmente, por telefone/ fax e/ ou por Internet. Os preços variam conforme o tipo de pesquisa¹⁴, sendo que só podem consultar as matérias publicadas pelo CB, haja vista que a consulta e a fotocópia desse material são comercializados. As matérias publicadas no CB são localizadas mediante a utilização dos instrumentos de pesquisa já mencionados anteriormente. Para atender ao público externo existem duas maneiras: A) os/as atendentes do NT realizando a pesquisa e B) o/a usuário/a realizando a busca. Para cada uma dessas formas o preço, o processo e o resultado são diferenciados¹⁵.

Abaixo, mostramos, a título de exemplo, o gráfico de atendimentos realizados pelo setor no mês de maio do ano corrente:



Analisando esse gráfico, é possível observarmos que a participação do Núcleo de Texto na elaboração do produto final – a matéria publicada pelo/a jornalista – é extremamente relevante, haja vista todas as editorias utilizarem os serviços do NT. No que se refere às pesquisas externas, revela-se a sua grande participação nas atividades cotidianas do Núcleo.

Assim, entre sons misturados, movimentação intensa, pessoas que entram e saem, palavras ditas e escritas, sinais emitidos, papéis e máquinas, a informação é (re)construída diariamente no setor. O jornal, diariamente disponibilizado para os/as leitores/as é, também, fruto dos serviços realizados pelo setor.

¹³ O Núcleo de Texto, atualmente, está aberto ao público externo das 8h30 às 14h. O Núcleo de Foto agenda o atendimento ao público. Para mais informações ver: <http://cedoc.correioweb.com.br>

¹⁴ Para mais informação ver: tabela de preço na página do CEDOC: <http://cedoc.correioweb.com.br>

¹⁵ Quando o Núcleo realiza a pesquisa, o usuário paga o valor relativo estipulado pela tabela de preço e do prazo de entrega da pesquisa, o qual deverá ser de, no mínimo, cinco dias úteis (este prazo pode ser prorrogado dependendo da dificuldade do atendimento). Já quando é o/a próprio/a usuário/a que realiza a pesquisa, é informado/a sobre valor e procedimentos de pesquisa e passa, então, a ser orientado por um/a atendente, que disponibiliza a coleção do jornal. Assim, é o/a usuário/a que se encarrega de localizar a matéria desejada.

Agora, depois de conhecermos os caminhos percorridos pela informação, cabe-nos, doravante, discutir algumas questões que nos inquietam no nosso fazer. Questões relacionadas, principalmente, aos limites ao acesso à este tipo de informação.

Núcleo de Texto: reflexões acerca dos limites ao acesso à informação

Até aqui, mostramos os caminhos percorridos pela informação até que essa seja disponibilizada ao/a solicitante. Também enfocamos o lado do nosso cotidiano que assenta-se, prioritariamente, em como proporcionamos o acesso à informação. Tais pontos sinalizam para certas reflexões: a) o papel do NT como ponto de partida e ponto de chegada da informação do jornal; b) o Núcleo de Texto: passivo e/ou ativo ante a informação? e, c) os obstáculos no acesso à informação.

São sobre essas três reflexões que discutiremos a partir de agora.

a) Núcleo de Texto como ponto de partida e de chegada da informação

Antes de compreendermos o papel do Núcleo de Texto no acesso e na construção da informação, iluminaremos algumas noções recorrentes em nossas práticas e leituras, tais como: ‘informação’, ‘jornal’, relação ‘leitortexto’ e ‘documento’.

Dentre a bibliografia selecionada com vistas a compreendermos melhor o conceito de ‘informação’, revelou-se uma certeza: a de que não existe consenso entre os/as estudiosos/as, como revela Alexander Goulart:

Quando tratamos das definições, o termo informação começa a ficar confuso. Existem mais de 400 definições que nos trazem semelhanças e diferenças. Usamos um mesmo termo para falarmos de coisas iguais e opostas. Falamos em informação quando nos referimos a notícia, mensagem, dados, arquivos, informática etc. (GOULART, 2004)

Existe, portanto, uma pluralidade de significados em torno de um mesmo termo, o que, se por um lado pode ser considerado negativo – no sentido da indefinição -, por outro, ao contrário, nos revela um rico manancial de reflexões.

No nosso caso específico, acreditamos que, independente do conceito adotado, ele não abrangerá todas as necessidades e complexidades que cercam o termo e suas práticas diárias. Qualquer que seja o conceito escolhido, será apenas uma representação da idéia de ‘informação’, dentre inúmeras outras possíveis. Ou seja, “...uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, com um

objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social.” (JODELET, 2001, p. 22).

Essa ausência de consenso em relação à definição de ‘informação’ não prejudica em nada nossas reflexões, visto que nosso olhar centra-se justamente na pluralidade de compreensão, de interferência e de mecanismos proporcionados pela informação. Mesmo porque acreditamos que existem conceitos que “engessam” os significados múltiplos de certas palavras, visto que, como bem analisou Koselleck, um conceito “...não é apenas efetivo enquanto fenômeno linguístico; ele é também imediatamente indicativo de algo que se situa para além da língua” (KOSELLECK, 1992, p. 13).

O que nos importa, realmente, é a relação intrínseca entre comunicação e informação (TÁLAMO, 1997, p. 14) o fato da informação ser

...inseparável do sujeito, tanto daquele que a gera, como daquele que a transforma e trata, como aquele que a recebe e a aplica, transformando-a ou não em outros conteúdos. Está impregnado de intencionalidade, não podendo ser relacionada exclusivamente a algo dado, ao fenômeno. (Idem, ibidem, p. 12)

Nessa correlação entre comunicação e informação, proposta por Maria Tálamo, é que percebemos diretamente nosso *locus* de atuação: o jornal. Sendo a informação o produto por excelência do Correio Braziliense, existe ainda uma outra questão fundamental: o(s) significado(s) do jornal. Uma reflexão que se baseia diretamente na sua relação com o leitor. Uma relação dialética, cujos caminhos são constituídos de idas e vindas, tendo como princípio que, se o “leitor opera a passagem da virtualidade do jornal à existência” (MOUILLAUD, 2002, p. 174), também o jornal apresenta-se como “matriz que dá ao leitor seu ‘formato’” (Idem, Ibidem, p. 174). Caminhos que não se apresentam de forma linear, homogênea, unívoca... Pelo contrário. Pensar dessa forma seria retirar de ambos seu poder de transformar o outro, e não dar visibilidade à importância do processo da leitura, haja vista que “é necessário lembrar que todo o texto é o produto de uma leitura, uma construção do seu leitor”. (CHARTIER, 1990, p. 61) E que, nesse caso específico, “a escrita é, ela própria, leitura de uma outra escrita” (Idem, Ibidem, p. 61).

Veículo de informação e comunicação, formador de opiniões, legitimador de ideologias, (re)afirmador de representações sociais, etc. São algumas das características que podemos imputar ao jornal. Entretanto, não se pode esquecer que “o jornal só é um jornal junto com seu leitor: são, cada qual, as duas metades que devem ser reunidas” (MOUILLAUD, 2002, p.173). Jornal, leitor. Leitor, jornal. Assim, se constituem os dois pólos por onde transitam informações e onde o Núcleo

de Texto faz sua aparição tanto como unidade de informação como, igualmente, interlocutor ativo entre esses dois extremos. Com relação ao jornal, o núcleo atua desde a produção da notícia até a sua guarda e preservação. No que diz respeito ao/a leitor/a, se faz presente de outra maneira: quando esse/a “lê” as notícias do jornal - produzidas com o auxílio dos/as pesquisadores/as do setor –, até o momento em que deseja ter acesso às edições anteriores. Sendo assim, o Núcleo de Texto, ao lidar com a informação na relação jornal-leitor, assume uma dupla responsabilidade, visto a importância fundamental da informação que

...leva à ação, ao conhecimento, logo, é fundamental nas mais diversas profissões [...] Mais do que nunca, a informação é a chave para a sobrevivência em nossa sociedade informatizada. Compreender sua natureza e significado é o primeiro passo para podermos controlá-la e utilizá-la para o progresso social e individual (GOULART, 2004).

E, vale ressaltar, também, o significado do jornal como documento¹⁶. Ou seja, como fonte importante para consultas, provas e produção de novos conhecimentos. As notícias que circularam e ainda circulam nos jornais representam registros, mesmo que fragmentados, da memória e da história das sociedades enfocadas. E mesmo sem entrarmos nas questões que envolvem Memória e História, podemos lembrar as palavras de Raphael Samuel, para quem a memória, “... longe de ser meramente um receptáculo passivo ou um sistema de armazenagem, um banco de imagens do passado, é, isto sim, uma força ativa, que molda, que é dinâmica...” (SAMUEL, 1997, p. 44). O registro do jornal, portanto, representa, potencializa e mantém viva a memória da sociedade que registra. E, como toda fonte, é também limitada e exige rigor, como nos alerta Susan Sontag em relação ao uso da fotografia como fonte de pesquisa: “fotografar é enquadrar, enquadrar é excluir” (SONTAG, 2003, p.42).

Por ser uma fonte produzida e selecionada por meio de várias interferências e pessoas é que ela exige cuidados de uso por parte de quem a manipula. Cuidados que, segundo o historiador Peter Burke, ocorrem quando o pesquisador, ao analisar um documento (seja ele qual for), leva em consideração alguns critérios como: quem escreveu a fonte, em que situação foi elaborada, selecionada, preservada e etc. (1992: passim). Critérios que devem ser seguidos justamente porque, ao sabermos manipular um documento, podemos extrair dele várias outras informações. As fontes, assim, são capazes de revelar as formas pelas quais a realidade de uma

¹⁶ Documento: Unidade constituída pela informação e seu suporte. (Camargo & Belloto, 1996, p. 28).

sociedade é percebida, suas representações sociais, seu imaginário, suas culturas e suas maneiras de percepção do mundo – dentre outros exemplos possíveis.

b) Núcleo de Texto: passivo e/ou ativo ante a informação?

Uma outra questão a ser refletida sobre o papel do Núcleo de Texto ante a informação é como se estabelece essa relação – Núcleo de Texto e informação. As atividades exercidas pelo núcleo são de passividade ou, pelo contrário, dá-se uma relação criadora?

Responder a essa questão remete-nos, sobretudo, ao item ‘Núcleo de Texto: um cotidiano a serviço da informação’. Nele, explicamos detalhadamente todos os caminhos percorridos pela informação. Deixamos claro que a demanda é que direcione nosso trabalho, haja vista que é do usuário – interno e externo – que parte o comando (se podemos chamar dessa forma...) para que iniciemos nossa atividade de pesquisa. Nesse sentido podemos afirmar que o Núcleo é, sim, passivo.

Mas se observarmos por um outro ângulo, também a partir do mesmo item explicativo do seu cotidiano, o setor exerce atividades criadoras. Na perspectiva de atender melhor seus usuários, criamos novas e melhores formas de lidar com a informação e, também, de agilizar o próprio processo de pesquisa, criando instrumentos de pesquisa/busca e agregando valor à informação. Por essa perspectiva o Núcleo é ativo.

Lidar melhor com a informação configura-se central no nosso fazer cotidiano. E como se dá isso? Primeiramente partimos da própria constituição da equipe que atua no setor. Profissionais que possuem potencial, habilidades e competências para atuar na área e que, por terem formações diversas, possuem olhares diferenciados, o que enriquece as discussões e propostas de soluções. Em segundo lugar, existe um fator muito subjetivo, mas que facilita nosso cotidiano: o conhecimento do perfil do usuário, prioritariamente o interno, constituído em sua maioria por jornalistas. A convivência entre a equipe e a redação acaba por permitir uma certa familiaridade entre aquele/a que solicita e nós, que pesquisamos sobre os temas solicitados. Isso significa que quando algum jornalista nos solicita determinada informação, o fato de sabermos de quem se trata, qual sua editoria e a coluna para a qual será escrita a matéria, faz com que a equipe já acesse um conhecimento prévio do tipo de informação que o usuário deseja. Por exemplo, caso um jornalista da editoria de esporte nos solicite uma pesquisa sobre “dados da

cidade de Caldas Novas/GO”, a possibilidade de ser uma pesquisa extensa e profunda é quase nula. Isso porque o conhecimento sobre a cidade, nesse exemplo, em geral apenas ilustra a matéria sobre um jogo específico no local. Mas, se um jornalista do caderno de turismo nos solicita a mesma pesquisa, tudo indica que será necessária uma pesquisa mais aprofundada sobre a cidade, com um enfoque na sua história, seus dados econômicos, sociais e culturais.

E, no sentido de agilizarmos o processo da pesquisa, nossa busca é de agregar valor à informação que fornecemos cotidianamente. Para isso, os métodos convencionais devem ser recriados a todo instante. A maneira da busca, da consulta, do acervo, do atendimento e da disponibilização da informação devem exceder aos métodos adotados tradicionalmente. Mas afinal, o que significa “agregar valor” à uma informação? Para que fique mais claro, utilizamos a seguinte explicação:

Agregar valor a produtos e serviços significa imprimir aos mesmos uma diferenciação que os torna mais atraentes aos olhos dos consumidores, quer seja em termos de qualidade, rapidez, durabilidade, assistência ou preço. Podem ser identificadas seis categorias de atividades de valor agregado: facilidade de uso, redução de informação desnecessária, qualidade, adaptabilidade [refere-se à habilidade de o serviço oferecido ser compatível com as necessidades do usuário em seu ambiente de trabalho], economia de tempo e economia de custo” (TAYLOR, 1986 apud TARAPANOFF et al, 2000: 93).

Agregamos, assim, valor às informações que transitam no nosso espaço de trabalho por diversas maneiras. A criação e a reestruturação do Banco de Notícias Seleccionadas (BNS) foi uma dessas táticas para agilizarmos nosso processo de pesquisa. A criação de pastas temáticas ou de personalidades, matérias sobre os assuntos e pessoas que são noticiados frequentemente, de uma base de busca para a biblioteca, dentre outras, também são formas de dinamizarmos nossas atividades.

Esses são alguns exemplos de como atuamos no sentido de atender melhor nosso usuário, fornecendo-lhe sempre informação de qualidade, com agilidade e rapidez que demandam o espaço jornalístico.

a) Disponibilizando o acesso à informação: limites e obstáculos

A estrutura física do Cedoc constitui um dos limites que dificultam ampliarmos o acesso à informação para um público maior que o atual. O Centro de Documentação localiza-se no subsolo do prédio do jornal, onde Arquivo Central/AC, Núcleo de Foto/NF e Núcleo de Texto/NT compartilham um espaço de 412,10 m². Desse total, 202,40 m² são ocupados pelo Núcleo de Texto. Esse espaço é subdividido para

comportar a biblioteca, a hemeroteca, os multimeios, computadores, armários de aço, mesas, cadeiras e pessoas. O espaço destinado para recepção do público externo apresenta-se insuficiente para atender a uma demanda maior que a atual¹⁷.

A própria publicidade veiculada pelo jornal acerca dos serviços prestados pelo setor é limitada pela nossa impossibilidade de atender a uma demanda maior de usuários, pois solicitamos ao setor responsável pela divulgação dos serviços prestados pelo jornal que não dê destaque sobre as atividades de pesquisa e atendimento ao público que exercemos. Uma atitude que limita o acesso à informação, se nos lembrarmos do já citado José Maria Jardim, quando esse defende que não é o lugar onde a informação se encontra que é importante, mas o acesso a ela. Limitante sim, mas justificada pela falta de estrutura física e de recursos humanos, visto que ampliar o acesso à informação demandaria, além de um espaço adequado, um maior número de funcionários preparados para atender os usuários. Ou seja, trata-se de uma “deficiência calculada”, visto que, dentro de nossas possibilidades, fornecemos o acesso à informação.

Vale atentar que, além da ampliação do nosso espaço físico, existem outras condições que seriam ideais para melhor atendermos nossos usuários, como a digitalização do acervo do jornal CB, de 1960 a 1999. Condição, essa, que consideramos primordial não apenas para agilizar o processo de pesquisa e atendimento, mas, principalmente, para disseminar a informação e conservar o acervo, no sentido de preservar a própria memória construída e/ou registrada nas páginas do jornal, ao longo de sua história.

Mas lembramos que pensar nas condições ideais não deve nos velar o olhar... Se não dispomos de meios para melhorar as formas pelas quais permitimos o acesso à informação no nosso ambiente de trabalho, isso não invalida o que atualmente o Núcleo de Texto realiza. Nas nossas condições de possibilidade, exercemos nossas atividades sempre buscando nos superar. Cada dia constitui-se um exercício de aprimoramento, onde a equipe é fator primordial. Tanto aqueles que fazem parte do atual quadro¹⁸, quanto aqueles/as que não mais compartilham do nosso cotidiano¹⁹ e que imprimiram suas marcas no processo de atividades do setor.

¹⁷ Segundo Vânia Caldas, gerente do Centro de Documentação/ CEDOC, a média de visitas mensais fica em torno de 300.

¹⁸ Atualmente trabalham no setor: Cleiton Jesuino Albuquerque, Edina Lima, Edmilson Costa, Elizângela Carrijo, Francisco Souza Lima Filho, Márcio Ribeiro Rocha, Maria Casimiro Rodrigues, Rodrigo Lima e Silva, Sandra Nui Asano, Tecia Goulart de Souza, Thiago Pereira Perpétuo, Vânia Maria Moreira Caldas, Walquíria Santos de Oliveira.

¹⁹ Alguns nomes: Ana Paula Oliveira Montes, Antônio Layrck Filgueira Silva, Lúcio Carlos de Paula, Roberta P. Boni, Sávio Guerra Breyner, Suemer Mariz, Tatiana Seba Sampaio, Valéria Yukie Mizuno e todos/as os/as outros/as que foram importantes em outros momentos...

Nossa intenção, na verdade, foi a de dar visibilidade a um trabalho realizado nos bastidores do jornal, mas cuja importância esperamos ter explicitado. Passeamos pelo cotidiano do Núcleo de Texto, acompanhando a informação até seu destino final, o usuário. Vislumbramos os limites e as fronteiras que nos impedem de ir além do que atualmente realizamos. E, finalmente, concluímos nossa caminhada com uma certeza: a de que o Núcleo de Texto permite e facilita, sim, o acesso à informação. Não do modo que pensamos ser ideal, mas dentro das condições que nos são dispostas.

Dessa forma, esperamos que nossas reflexões tenham sido prazerosas para os/as que as leram do mesmo modo como foram prazerosas de serem apresentadas nesse artigo. Desejamos, também, que o que apresentamos não seja “...risco na areia, mas desenho de giz”, como canta João Bosco, na bela música Desenho de Giz.

BIBLIOGRAFIA

- BURKE, Peter. **O mundo como teatro**. Lisboa: Diefel, 1992. (cap. 1 - História cultural: passado, presente e futuro, p. 15-26).
- CAMARGO, Ana Maria de A. & BELLOTO, Heloísa Liberalli (coord) e et al. **Dicionário de terminologia arquivística**. São Paulo: Associação dos Arquivistas Brasileiros – Núcleo Regional de São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 1996.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Tradução Maria M. Gallhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- DAVALLON, Jean. A imagem, uma arte de memória? In: ACHARD, Pierre e et al. **Papel da memória**. Trad. José Horta Nunes. Campinas, SP: Pontes, 1999.
- DICIONÁRIO Latim-Português. Porto Alegre: Editora Porto, 1991.
- GOULART, Alexandre. **Informação: precisamos definir esse termo**. Disponível em: <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=286DAC002#>, acesso em: 10 de jul. de 2004.
- JARDIM, José Maria. O acesso à informação arquivística no Brasil: problemas de acessibilidade e de disseminação. In: **Relatório sobre a situação do Patrimônio Documental do Brasil**. Madrid: Fundação Histórica Tavera, 1999.
- JODELET, Denise. **As Representações Sociais**. Tradução Lilian Ulup. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.
- KOSELLECK, Reinhart. Uma história dos conceitos: problemas teóricos e práticos. **Revista Estudos Históricos – Teoria e História**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1997.
- SAMUEL, Raphael. Teatros da Memória. **Revista Projeto História**, São Paulo, (14), fev. 1997.
- SONTAG, Susan. **Diante da Dor dos Outros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- TÁLAMO, Maria de Fátima G. M. Informação: organização e comunicação. In: Seminário de Estudos de Informação da Universidade Federal Fluminense. **Anais...** (2ª ed) Niterói, RJ: EDUFF, 1997.